

IDEB E IDEPE: A QUALIDADE DA EDUCAÇÃO A PARTIR DOS RESULTADOS NUMÉRICOS

Analice Martins da Silva ¹
Ivanilso Santos da Silva ²

RESUMO

Este artigo é resultado de um recorte da dissertação de mestrado “A qualidade da educação na concepção de gestores escolares de Pernambuco: um estudo em escolas com índices elevados em Avaliação” e tem como objetivo analisar a qualidade da educação a partir da visão dos gestores escolares da rede estadual de Pernambuco sobre a forma de utilização do Índice de Desenvolvimento da Educação de Pernambuco (IDEPE) e o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) atualmente. Maranhão e Marques (2015), Dantas (2012), Azevedo (2014), Almeida e Betini (2016), que elucidam a respeito da temática investigada. Os procedimentos metodológicos foram adotados com base na pesquisa qualitativa (BAUER; GASKELL, 2002), o estudo de caso como estratégia de pesquisa (CHIZZOTTI, 2006) e realizamos a análise de conteúdo. Encontramos como resultados que a escola ter um indicador numérico na média ou acima da média, não significa dizer que ela pode ser considerada de qualidade, pois esses mesmos sujeitos mesmos sujeitos percebem a existência de outros elementos que influenciam na qualidade da escola.

Palavras-chave: Qualidade da educação, Indicadores de qualidade, Avaliação.

INTRODUÇÃO

Resultado de um recorte da dissertação de mestrado A qualidade da educação na concepção de gestores escolares de Pernambuco: um estudo em escolas com índices elevados em Avaliação, neste artigo objetivamos analisar a qualidade da educação a partir da visão dos gestores escolares da rede estadual de Pernambuco sobre a forma de utilização do Índice de Desenvolvimento da Educação de Pernambuco (IDEPE) e o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) atualmente. Tal objetivo se justifica diante da mobilização que se tem hoje, tanto do Estado, como da própria sociedade em torno dos resultados dos indicadores de qualidade da educação.

Tomamos como base a pesquisa qualitativa para adotar os procedimentos metodológicos, visto que, o enfoque qualitativo lida com realidades sociais e permite buscar a compreensão das interpretações que os atores possuem do seu próprio mundo social (BAUER; GASKELL, 2002) e a estratégia utilizada para pesquisa foi o estudo de caso, pois “objetiva reunir dados relevantes sobre objeto de estudo” (CHIZZOTTI, 2006, p. 135).

¹ Mestre em Educação pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), analice1989.martins.s@gmail.com;

² Mestre em Educação pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), ivanilosantos@yahoo.com.br.

Nossa discussão teórica centra-se em algumas questões que envolvem a qualidade da educação, como por exemplo, a perspectiva de uma qualidade representada por resultados numéricos (IDEPE e IDEB) e a que compreende a qualidade socialmente referenciada. Assim sendo, trazemos Maranhão e Marques (2015), Dantas (2012), Azevedo (2014), Almeida e Betini (2016), que elucidam a respeito da temática investigada.

METODOLOGIA

A pesquisa qualitativa foi tomada como base para adotar os procedimentos metodológicos. O lugar da pesquisa foram duas Escolas, que denominamos de *Escola Y* e *Escola Z*, a de maior e a de menor IDEPE em 2014, respectivamente. Ambas na categoria Ensino Médio, visto que nela Pernambuco se destacou com o melhor ensino do país por ter sido o primeiro lugar no Ideb. Pertencentes à Rede Estadual de Ensino, são vinculadas a Gerência Regional de Educação (GRE) Metropolitana Norte. Os sujeitos da pesquisa são os membros da equipe gestora das escolas elencadas, a saber: o gestor/a³ escolar e coordenadores/educador de apoio. Esses, foram escolhidos em função de sua posição estratégica na escola, que os permitem planejar e (re) pensar ações considerando a escola em sua integralidade, para então organizar, articular e mobilizar a todos os envolvidos para realizar ações em favor de uma educação de qualidade. Serão identificados com as siglas “GY” e “CY”, “GZ” e “CZ” os gestores e coordenadores das *Escolas Y* e *Z*, prezando o sigilo em relação às identidades pessoais. Para realizar a análise dos dados coletados, foram utilizados os pressupostos teórico-metodológicos da análise de conteúdo.

DESENVOLVIMENTO

O Índice de Desenvolvimento da Educação de Pernambuco (IDEPE) é o indicador que mede a qualidade da educação no estado anualmente, desde o ano de 2008. Seu cálculo é realizado a exemplo do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb), índice nacional, a partir de dois critérios complementares: o fluxo escolar e o desempenho dos alunos do 5º e 9º ano do Ensino Fundamental e do 3º ano do Ensino Médio nos exames do SAEPE em Língua Portuguesa e Matemática. Inicialmente o propósito era de fazer o Pernambuco evoluir no Ideb.

³ Cabe ressaltar que nas Escolas de Referência do Estado de Pernambuco a equipe gestora não conta com o profissional do vice gestor.

Os resultados da avaliação do SAEPE e as taxas de aprovação da escola compõem o IDEPE e também servem de diagnóstico para o sistema de educação de Pernambuco e são requisitos fundamentais para o estabelecimento do bônus de desempenho educacional (BDE). A partir de então metas são definidas e descritas no Termo de Compromisso que a escola firma com a Secretaria de Educação.

Anualmente as três melhores escolas do IDEPE são premiadas, um ranking com as dez melhores escolas em cada modalidade de ensino é divulgado. Seleccionamos as escolas da rede estadual por causa da ênfase na mídia e na sociedade que em consequência dos avanços no Ideb, o Ensino Médio de PE passou ser conhecido como o melhor do país.

Entretanto, no cenário entre os estudiosos há uma disputa de significados quanto ao que venha ser e definir qualidade da educação. Destacamos duas perspectivas presentes nas políticas educacionais: a qualidade da educação por resultados e qualidade da educação socialmente referenciada. Uma concebe a qualidade a partir de resultados das avaliações externas e a outra a partir dos processos e das condições gerais que envolvem a educação.

Está em vigor o Programa de Modernização da Gestão Pública de Pernambuco/Metas para Educação (PMGPE/ME). Nele, tanto Maranhão e Marques (2015), quanto Dantas (2012), encontraram subsídios de uma qualidade da educação por resultados. Essa é pautada nas ideias do neoliberalismo. Mas, tais autores também encontraram características da qualidade da educação socialmente referenciada. Nesta direção, Azevedo (2014) afirma que para compreender qualidade é necessário sabermos que a mesma está relacionada a vários significados e que são ligados a diferentes filosofias de ação que orientam a ação pública.

Se concebemos escola e educação como um direito de todos, instrumento de justiça e inclusão social, concebemos a qualidade da educação socialmente referenciada. Essa, se constitui como processo multifacetado que considera as seguintes dimensões simultaneamente: condições escolares adequadas, profissionalização docente, gestão democrática, a realidade socioeconômica e cultural dos alunos, participação da família e da comunidade, além da avaliação pedagógica, dos processos administrativos e técnicos.

Opondo-se à perspectiva da qualidade socialmente referenciada, com as configurações sociais instaladas no mundo ocidental e em face de novos padrões de sociabilidade, tem-se o conceito de qualidade total, oriundo das empresas e do mercado. A perspectiva que privilegia a educação de resultados e pressupostos do gerencialismo (AZEVEDO, 2014). Essa perspectiva orienta os indicadores estudados (IDEPE e IDEB) e que esses estimulam a competição entre as escolas ao beneficiar aquelas que obtêm melhor desempenho, premiando-as, enquanto as escolas de menor desempenho não são beneficiadas, mesmo essas

necessitando de um apoio maior. Como consequência, Azevedo (2014, p. 276) apresenta a “restrição das aprendizagens a terminalidades, sem considerar processos”. A implementação dos testes padronizados, a qual derivam os indicadores aqui estudados, efetiva a medição e o ranqueamento das escolas. Em consequência disso temos a promoção da concorrência entre elas. Na lógica de seus idealizadores, proporciona a auto melhoria das instituições a partir da quantificação dos resultados, já que as escolas passaram a se mobilizar por melhores posições nos rankings, afirmam Almeida e Betini (2016).

Para os autores supracitados, os indicadores quantitativos são importantes, porém não dão conta de todas as dimensões que envolvem o processo de ensino aprendizagem, por isso a importância de se desenvolver indicadores qualitativos, ou seja, indicadores de contexto. Possibilitando assim, que a sociedade tenha muito mais do que uma fotografia e um diagnóstico de uma escola, de um município ou estado, mas que obtenha a compreensão de como está e como chegou naquela situação. Dessa forma, podendo planejar ações que contribuam efetivamente com a melhoria da educação. Contudo, a escola precisa ter uma formação sólida, crítica, ética e solidária, articulada com políticas públicas de inclusão e de resgate social, de modo que a qualidade atinja a todos, resultantes de processos educativos democratizantes.

Diante do que foi acima apresentado, na próxima sessão estaremos expondo os resultados e discussão realizados a partir da visão dos gestores escolares da rede estadual de PE em relação a utilização do IDEPE e IDEB.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Levando em consideração que o nosso objetivo é analisar a qualidade da educação a partir da visão dos gestores escolares da rede estadual de Pernambuco sobre a forma de utilização do Índice de Desenvolvimento da Educação de Pernambuco (IDEPE) e o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) atualmente, é relevante apontarmos que os nossos entrevistados passam por uma formação continuada, além de uma prova coma a finalidade de certificar que os mesmo estão aptos para exercerem sua função na escola. É necessário que apresentem um conjunto de competências que atendam o modelo da gestão escolar de Pernambuco.

Isso nos permite afirmar o quanto a dinâmica da escola hoje está refém do sistema educacional, caracterizando-se muito mais do que um sistema de regulação da educação, é um sistema de controle. As avaliações externas e seus indicadores influenciam na qualidade da

educação, entretanto influenciam diretamente na qualidade traduzida pelos resultados numéricos, ocasionando como consequência a restrição dos processos de ensino aprendizagem das escolas ao que é exigido nessas avaliações.

O IDEPE e o Ideb são os indicadores responsáveis por expressar a qualidade da educação, entretanto, expressam apenas, um aspecto da educação. E mesmo assim os gestores escolares compreende-os como importantes por lhes permitir planejar suas ações, avaliá-las e por fim, porque dar respaldo as escolas.

Por isso questionamos aos nossos sujeitos qual a visão dos mesmos sobre a forma de utilização dos indicadores abordados na rede estadual. Qual a leitura e avaliação que a gestão escolar faz do SAEPE?

Há quem só enxergue o lado bom, como *GY*, quando fala:

Olha eu vejo positivamente, eu vejo bem positivo. [...]. Aí eu acho que esse trabalho competitivo estimula o aluno a mostrar o melhor. [...]. Então a gente acredita muito nessa estratégia que a gente adotou aqui e tem dado certo (*GY* – Escola *Y*).

Não percebe a competição como algo ruim, que pode proporcionar valores da desigualdade, constrangimento e situações de desunião, num lugar que deveria expressar e construir valores de solidariedade, trabalho em equipe, igualdade de oportunidades. Pois a partir do momento que há uma premiação e um bônus, estamos selecionando e diferenciando as oportunidades através do ranking.

Ainda que também considerem como bom e importante, dois dos entrevistados conseguem perceber os perigos e as consequências que este sistema apresenta:

Acho importantes as avaliações em larga escala, no entanto o processo nem sempre é o ideal e de certa forma camufla os resultados e gera uma certa competitividade entre as escolas que atuam em função disso “treinando os estudantes para essas provas” e deixando de lado outros conhecimentos tão importantes quanto a Língua Portuguesa e Matemática (*CZ* – Escola *Z*).

E quando eu comecei a compreender a avaliação independente disso aí eu me encantei por conta dessa visão, mas quando você sai dessa, mundo do Bob e volta, pé no chão, começa a ver toda essa dinâmica, de concorrência, de quem tira a nota melhor, de ganha bônus e pessoas que até produzem resultados das suas escolas, aí você fica meio assim desiludido. Até que ponto realmente essa dinâmica vai favorecer o trabalho dessas escolas? Tem escolas por exemplo que trabalham o ano todo e pegam só aquelas provas dos anos anteriores. Colocam no Datashow e trabalham o tempo todo como se tivesse programando o aluno. Eu, assim, confesso a você que a gente chegou num ponto que a gente deu um nó nesse negócio. Como é que a gente vai fazer e aí? A gente não vai mais trabalhar projeto, a gente só vai trabalhar avaliação externa? Depois a gente meio que encontrou um equilíbrio. Eu acho que a gente está começando a encontrar esse equilíbrio, mas por conta dessa forma, de ver que a gente está para fazer, para trabalhar. [...]. Porque quando eu aprendi a gostar e acho ruim o outro lado, essa concorrência, aí eu gosto de separar. Porque se eu ficar o tempo todo me lembrando que os resultados das avaliações externas vão me trazer um bônus eu acho que dá uma sensação de ser vendido. Entendeu? Tem um outro professor que diz: Eu acho que a gente não é “prostituto” não. Porque a sensação eu acho que é mais ou menos essa. Que você tem que fazer

coisas assim arrumadinhas, para sua escola crescer, alavancar os índices e você ganhar o bônus. Quer dizer, a coisa que acabou criando esse tipo de distorção (CY – Escola Y).

Percebemos na fala do último sujeito (CY), o conflito que a escola e seus agentes educativos vivenciaram desde o início dessa política até superar a meta esperada para 2022. Foi colocado em questão além do papel da educação, o papel da escola, os seus objetivos, o trabalho a ser realizado e em função de quê. CY considera que a escola alcançou o equilíbrio entre realizar as atividades pensadas a partir da realidade da mesma e as atividades voltadas para cumprir e corresponder as metas do Termo de Compromisso. Atividades que estão relacionadas aos resultados, aos indicadores educacionais.

O sujeito consegue enxergar o quanto a competição e o bônus são prejudiciais para o dia a dia escolar, principalmente quando a escola desenvolve suas ações em função de buscar alcançar os primeiros lugares e o bônus. CY apresenta uma compreensão desse sistema de forma mais ampla do que a da gestora da escola, pois aponta em sua fala os pontos negativos, além do positivo.

GZ considera o SAEPE importante, no entanto reclama por autonomia. Quando fala:

Eu vejo que tem uma determinada importância, só que hoje é tido como ponto, um eixo central, do qual a gente não possa se desviar. Então essas avaliações elas têm de certa forma escravizado, elas têm tirado a autonomia de qualquer setor pedagógico para fazer com que as coisas funcionem somente através das metas (GZ – Escola Z).

O que nos permite afirmar que este sistema, é muito mais que um sistema de avaliação da educação do estado, é um sistema de controle da ação dos gestores escolares, visto que algumas ações não são planejadas pelos próprios gestores, mas sim sugeridas pela forma de funcionamento do sistema de educação.

Portanto, podemos dizer que não há diferença na forma de pensar entre os gestores das escolas de maior e de menor IDEPE. Os sujeitos compreendem os indicadores como algo bom e como indicador de qualidade, mas não da qualidade como um todo. Ou seja, a escola ter um indicador numérico na média ou acima da média, não significaria dizer que pode ser considerada de qualidade, visto que esses mesmos sujeitos percebem a existência de outros elementos que influenciam na qualidade da escola. Apontando a estrutura física das escolas como ponto negativo mais citado em relação à qualidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entendemos a qualidade da educação como algo muito maior do que aprender os conteúdos de disciplinas e comprovar o desempenho dos alunos nas mesmas. E como a escola

de qualidade ainda é um desafio, não podemos restringir a qualidade a notas e médias dos indicadores educacionais. Afonso (2012) enxerga as formas de avaliação, de prestação de contas e de responsabilização, contraditórias, para uma sociedade que visa valores e princípios democráticos, pois estão pautadas pela lógica de quase-mercado, onde a gestão da educação/escolar se apropria de elementos da lógica empresarial, o accountability.

Na configuração atual, os gestores recebem uma formação continuada para adquirir os conhecimentos e competências necessários para gerir uma gestão por resultados, contribuir e fazer com que as escolas evoluam nas médias dos indicadores. Um termo de compromisso é assinado para garantir que isso aconteça, nesse termo estão estabelecidas as metas que devem ser atingidas, desse modo as escolas são responsabilizadas pelos seus resultados. E para Ball (2001), esse modelo de gestão, em que as estratégias para melhorar os índices são supervalorizadas, e o limite da autonomia dos gestores escolares estão em resolver os problemas e as dificuldades da escola, em cumprir os objetivos determinados, o sistema de avaliação se torna um sistema de vigilância e monitoramento dessas ações.

No entanto, sabemos que no cotidiano de uma escola, a gestão escolar lida com necessidades que extrapolam as metas exigidas a partir dos indicadores numéricos, isso justifica a importância da gestão ser democrática, pois permite que a necessidade de todos seja atendida, desde as decisões à realização das atividades. Portanto compreendemos a escola como espaço formativo de sujeitos e que esta deve levar em consideração os vários elementos que compõe a escola, para então avaliarmos a qualidade educacional.

Por fim, quanto à visão dos gestores entrevistados sobre a forma de utilização dos indicadores IDEPE e Ideb, nos permitem afirmar que a qualidade da educação não se define com uma única concepção, pois os mesmos identificam vários aspectos que são importantes a essa questão e que as escolas ainda deixam a desejar e Paro (2010), sobre isso, expõe que precisamos lutar por elas e que precisamos unir essa luta às reflexões sobre o que é e qual educação queremos. E para esse autor, educação não é passar conhecimentos, conteúdos e os testes que submetemos nossos estudantes servem apenas para medir aquilo que eles arquivaram e guardaram num dado momento.

REFERÊNCIAS

AFONSO, Almerindo Janela. Para uma concetualização alternativa de accountability em educação. **Educação & Sociedade**, v. 33, n. 119, p. 471-484, 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v33n119/a08v33n119.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2017.

ALMEIDA, Luana Costa; BETINI, Geraldo Antonio. A Qualidade da Escola: Debatendo Princípios Rumo à Construção de uma Qualidade Socialmente Referenciada. **Revista Iberoamericana de Evaluación Educativa**, v. 9, n. 2, p. 49-63, 2016. Disponível em: <http://revistas.uam.es/index.php/riee/article/viewFile/6669/7030>. Acesso em: 06 jun. 2017.

AZEVEDO, Janete Maria Lins de. Plano Nacional de Educação e planejamento A questão da qualidade da educação básica. **Revista Retratos da Escola**, Brasília, v. 8, n. 15, p. 265-280, jul./dez. 2014. Disponível em: <http://www.esforce.org.br>. Acesso em: 15 abr. 2016.

BALL, Stephen J. Diretrizes Políticas Globais e Relações Políticas Locais em Educação. **Currículo sem Fronteiras**, v.1, n.2, pp.99-116, Jul/Dez, 2001. Disponível em: <http://www.curriculosemfronteiras.org/vol1iss2articles/ball.pdf>. Acesso em: 12 set. 2016.

BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Tradução de Pedrinho A. Guareschi.- Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

CHIZZOTTI, Antonio. A pesquisa qualitativa em Ciências Humanas e Sociais: evolução e desafios. **Revista Portuguesa de Educação**. Ano/vol. 16, nº 002. Universidade do Minho. Braga, Portugal. p. 221-236. Disponível em: http://www.unisc.br/portal/upload/com_arquivo/1350495029.pdf. Acesso em: 15 abr. 2016.

DANTAS, Éder. Políticas Educacionais e Gestão de Resultados: os casos do Governo de Pernambuco e da Prefeitura De João Pessoa. In: **Anpae 2012**. Disponível em: http://www.anpae.org.br/seminario/ANPAE2012/1comunicacao/Eixo02_30/Eder%20Dantas_int_GT2.pdf. Acesso em 15 abr. 2016.

PARO, Vitor Henrique. **Educação como exercício do poder: crítica ao senso comum em educação**. 2ª. Ed. – São Paulo: Cortez, 2010.